

Vidas Desligadas? A Voz e a Participação de Crianças e Jovens no Mundo Hiperconectado

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.189.3>

Ana Beatriz Pereira

Escola Secundária Vitorino Nemésio, Ilha Terceira, Portugal

Sendo a minha maior qualificação, em comparação a todos vós, a experiência vivida da infância e juventude em plenos anos 2010 e 2020, começarei por falar nisso.

Sou fascinada pela maneira como a política contemporânea se transforma e para onde irá.

Tenho uma memória impossível de apagar do sítio e do momento em que estava quando descobri que o Trump tinha ganho as eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2016.

Ainda consigo sentir a minha reação de choque silencioso quando, nos preparos para um projeto escolar, um dos meus colegas contou de forma casual que tinha com amigos andado a vandalizar os cartazes do Bloco de Esquerda, as caras das dirigentes, que eram todas mulheres, por sinal. No ano seguinte, esse meu colega votou pela primeira vez, nas eleições legislativas de 2024.

Apenas há uma semana atrás, no final de uma apresentação na biblioteca da minha escola, perguntei quais eram as maiores inquietações dos meus colegas em relação ao futuro da democracia, que temas os preocupavam mais, uma delas respondeu “segurança” – bastou um ou outro comentário na mesma linha para eu perceber que o mais provável era estar a falar na ameaça da imigração, e não na ameaça da guerra na Europa.

Cada uma destas memórias são peças que tento encaixar umas nas outras e encontrar uma linha de raciocínio, uma explicação, um porquê, e vivo de tentar perceber esses puzzles.

Certamente haverão muitos no público que já se depararam com situações semelhantes, em primeira ou segunda mão.

Se há algo que consigo sublinhar como sendo comum a todas elas, é a presença subcontextual dos *media*.

Os *media* permitem-nos conhecer, discutir e ser afetados por realidades distantes (como nos Estados Unidos da América); disseminar e identificar narrativas disseminadas em massa (ameaça da insegurança relacionada com a imigração, a ameaça da ultradireita); permitem a comunicação e disseminação não só de informação, que ape-la à razão, como também de emoções e de impressões (o desprezo, a irritação, o ódio, o medo, a idolatria, a lealdade). São estas que parecem chegar mais longe, porque se regem do que mais natural temos.

Voltemos à Ideia de Narrativas

No seu ensaio *O Aroma do Tempo*, o filósofo Byung-Chul Han (2009/2016) descreve a forma como a velocidade da história tem aumentado progressivamente e refere que o humano moderno – todos nós – vive com a ilusão de que viver mais em menos tempo é uma nova forma de imortalidade. Aliás, segundo o filósofo, o tempo não só se acelerou descontroladamente como se atomizou, fragmentou, desconectou de si mesmo.

Na verdade, os meios de comunicação têm sido causa e consequência desta aceleração. A quantidade de estímulos simultâneos é algo que só a tecnologia contemporânea conseguiu alcançar.

Não havendo espaço para a demora e a contemplação em momento algum, a solução é encontrada nas narrativas. São histórias que, *tendo ou não base na realidade*, se disseminam rapidamente pelo ecossistema de informação. Não se caracterizam pela mentira, mas sim pela contextualização que é reproduzida infinitas vezes de pessoa a pessoa.

Isto permite-me dizer que aquilo que ouvi entre os meus colegas poderá ter origem e foi validado pelas narrativas que os servem, mas também que as consegui identificar como tal por ser servida por outro conjunto de narrativas que as discriminam, criticam, desconstroem, analisam.

Sob a lente dos trabalhos apresentados aqui no congresso, identifiquei termos como “estudo das perceções”, isto é, uma tentativa de compreensão destas narrativas. O termo intrigou-me muitíssimo. Percebê-lo é a chave para perceber a condição dos jovens na era da hipercomunicação.

As grandes marcas da minha geração não são a inteligência artificial, o espoletar de novas guerras, a grande imprevisibilidade do futuro da ordem mundial, as epidemias de transtornos psicológicos como a depressão e a ansiedade, os movimentos de extrema-direita, as catástrofes naturais e as alterações climáticas. Deixarão grandes marcas, mas a história repete-se.

A real distinção entre a juventude de 2025 é o ter crescido no seio de um ecossistema de informação nunca antes visto.

Os *media* já não só estão nas nossas casas, nas nossas mãos, mas nas nossas cabeças.

A permanente recolha, venda e revenda de informação, a circulação febril de ideias, opiniões, factos e ficções, a oscilação diária de narrativas sobre a cultura, a política, a juventude, o passado e o futuro, quem é bom e quem é mau. A estimulação sempiterna das crianças, dos adolescentes, de todos os cérebros ainda em desenvolvimento. A expectativa de acompanhar o ritmo da mudança.

Podemos Dizer que os Jovens Vivem Hoje Vidas Desligadas? Os *Media* Estão a Proporcionar que se Desliguem do Mundo e dos Outros?

Olhando como estudante, parece haver um padrão muito claro de crescente desconexão.

Desconexão de uma consciência de comunidade: desconexão de um propósito maior que si mesmo.

Volto a abordar Byung-Chul Han (2019/2020), já no seu livro *Do Desaparecimento dos Rituais*, que nos diz que as comunidades podem abdicar de uma parte da comunicação, porque há um leito de pressupostos de valores e crenças a partir do qual se constroem os rituais, as ligações.

O plano da velocidade da luz, onde residem os *media*, é o plano da comunicação sem comunidade, pois embora haja um estar-no-mundo, uma existência consciente do global, moldada pelas nossas narrativas, não há um estar-em-casa, uma pertença: “o tempo que foge não é habitável”.

Permitem que Sejam e Estejam Cada Vez Mais Ligados?

Algumas vozes mais otimistas falam da possibilidade da organização de grupos de protesto e de intervenção política, e é verdade que algumas plataformas de redes sociais como o TikTok já foram um meio de comunicação alternativo especialmente durante crises, ataques ou acidentes em que informações são censuradas, manipuladas ou ocultadas por fontes oficiais.

Estes espaços digitais permitem que se disseminem rapidamente vídeos, fotos e relatos em tempo real. Em 2022, a morte de Mahsa Amini e os subsequentes protestos e repressão por parte das forças estatais do Irão foram amplamente divulgados nas redes sociais. Os movimentos feministas de protesto ganharam apoio internacional.

No entanto, este tipo de organização parece ser mais frequentemente utilizada para fins absolutamente destrutivos: a captação de novos membros para grupos terroristas, o orquestrar de ataques, a radicalização e, muitas vezes, nazificação de jovens, entre outros.

Os Jovens Participam na Sociedade? Têm Oportunidades Para Participar?

A participação implica paridade no acesso às discussões/debates da atualidade (quem tem acesso limitado aos núcleos de decisão tem acesso limitado à participação); colaboração e articulação de indivíduos num coletivo. Ainda mais, implica a aceitação da heterogeneidade dos núcleos de decisão e a rejeição da sua homogeneidade. Neste contexto, é também fundamental um consenso básico sobre o primado da verdade e da informação. Como pode haver participação se a aparência de verdade é mais importante do que a verdade em si? Senão operamos em realidades diferentes, distintas pelo tipo de desinformação que consideramos factível.

Como, então, participar num Ocidente cada vez menos inclusivo? Como participar num Ocidente cada vez mais desigual? Como participar num Ocidente cada vez mais hostil ao outro? A participação dos jovens na sociedade está em risco.

Num cenário de aceleração indiscriminada, constante e voraz, mundo este onde o consumo dos *media* se destaca como um dos seus pilares, onde somos quase escravos dos nossos hábitos de consumo de informação desenfreada, quem é da minha idade tem sempre uma solução: a rendição ou a revolução. Precipitado, certamente, mas o instinto pode não nos falhar por completo.

Poderá ser a revolução da demora e da reflexão? Da opinião como uma arte e não como um acessório? Da escolha consciente de produzir e consumir menos? Economistas, políticos, filósofos e psicólogos debatem-se com questões semelhantes. Poderá ser esta a revolução de uma juventude que preconiza uma sociedade mais interligada?

Referências

Han, B.-C. (2016). *O aroma do tempo: Um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (M. S. Pereira, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 2009)

Han, B.-C. (2020). *Do desaparecimento dos rituais* (C. Leite, Trad.). Relógio D'Água. (Trabalho original publicado em 2019)